

SERMÃO 49

NOTAS INTRODUTÓRIAS

O estudante é convidado a ler atentamente, ao lado deste sermão, as memoráveis palavras de São Tiago sobre o governo da língua. “Se alguém cuida que é religioso, não refreando a sua língua, mas iludindo o seu coração, a sua religião é vã” (Tg 1.26). Esta é apenas outra fórmula da definição dada por nosso Senhor: “Pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condenado”. (Mt 12.37). Mas o princípio que esses textos envolvem tem sido por demais deturpado, no púlpito e fora dele. Que *teste* de caráter cristão, esse! Quão gravemente somos repreendidos, mesmo nas coisas que menos esperávamos estar em falta! Mas S. Tiago vai mais longe. Ele não se contenta com o simples enunciado do grande princípio que é fundamental em seu caráter. Passa, no terceiro capítulo de sua Epístola, a um completo e exaustivo exame da questão. O governo da língua é tão essencial, que ele ilustra o assunto por várias metáforas notáveis. Um navio é um grande corpo, mas é manobrado por um pequeno leme, uns poucos centímetros de ripa dirigem o curso das maiores embarcações sobre as águas. Quando avaliamos o porte de um navio e o tamanho do corpo humano, verificamos que o leme é tão pequeno em relação ao primeiro como a língua o é em proporção ao segundo. Assim também uma fagulha pode produzir explosão que destruirá uma grande cidade.

Depois temos uma terceira definição dessa verdade, um conjunto de palavras que faremos bem em examinar detidamente. “Se alguém não tropeça em sua palavra, é um homem perfeito, capaz de refrear todo o seu corpo” (Tg 3.2). Aí está a base do argumento e das ilustrações que se seguem. O freio, o leme e a fagulha, como apresentam gradativamente o assunto ao nosso entendimento! A impetuosidade do cavalo é controlada pelo freio e pelas rédeas; os ventos desabalados se dominam, e às vezes se tornam obedientes à vontade do timoneiro, graças a um pequenino leme, parte invisível, mas indispensável do navio. Temos a doutrina da negação de si mesmo na figura do freio e das rédeas, enquanto que o leme ilustra a influência das tentações quando ele se encontra em mãos firmes. Mas, que força pode sustentar as mãos que seguram as rédeas e guiam o leme? Somente a graça soberana de Deus! Sem ela somos semelhantes o cavaleiro cujo corcel tomou o freio nos dentes, ou ao navio que perdeu o leme, estando à mercê dos ventos! Dissensões, ódios contendas de família e vizinhança, como podem ser, em grande parte, prevenidos, mediante prudentes conselhos! “Aquele que ama a simplicidade, pela graça de seus lábios, o rei lhe será por amigo”.

ESBOÇO DO SERMÃO 49

A maledicência distinguida da mentira ou da calúnia. A freqüência desse pecado e a dificuldade de evitá-la. Perigo de ser-se traído pela santa indignação contra o pecado. O método de nosso Senhor.

I. Repreensão particular, no espírito de amor, em pessoa, por um fiel mensageiro, ou por carta. Este primeiro passo é absolutamente imperativo, salvo quando a vida, a propriedade ou importantes interesses de terceiros estejam em jogo.

II. Repreensão em presença de testemunhas. Estas devem ser cuidadosamente escolhidas. Método de proceder. Não se permite negligenciar esta providência.

III. Apelo para a Igreja. Em seus oficiais. Este passo não pode ser omitido, e deve vir na sua própria ordem. Exortação a andar por esta regra e abandonar toda maledicência.

SERMÃO 49

A CURA DA MALEDICÊNCIA

“Se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele somente: se te ouvir, ganhaste a teu irmão. Mas se te não ouvir, leva ainda contigo uma ou duas pessoas, para que por boca de um ou três testemunhas toda a questão se decida. E se ele recusar ouvi-las, dize-o à igreja; e se também recusar ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano.”

(Mateus 18. 15-17)

1. “NÃO faleis mal de homem algum” – diz o apóstolo, o que vem a ser um mandamento tão evidente como – “Não matarás”. Quem, entretanto, mesmo entre os cristãos, dá importância a esse mandamento? Sim, quão poucos são os que chegam mesmo a compreendê-lo! Que é maledicência? Não é, como alguns supõem, o mesmo que a mentira ou a calúnia. Tudo quanto o homem diz pode ser verdadeiro como a Bíblia, e ainda seu falar constituir maledicência. Porque maledicência é, nem mais, nem menos, do que dizer mal de uma pessoa ausente, referindo alguma falta que houvesse sido realmente praticada ou dita por alguém que não se encontre presente quando se faz a referência. Suponhamos que, tendo visto um homem beber, ou ouvi-lo praguejar ou jurar, eu refira o fato quando ele se encontre ausente: isto é maledicência. Em nossa linguagem familiar isto é também chamado, e com extrema propriedade, “falar pelas costas”. Nem há qualquer diferença material entre isto e o que usualmente chamamos “contar histórias”. Se a referência for feita de modo simples e sereno (talvez com expressões de boa vontade para com a pessoa, e com esperança de que as coisas não sejam inteiramente tão más), então chamamos a isto “murmuração”. Mas, qualquer que seja a maneira por que é a referência feita, o fato é o mesmo; o mesmo em substância, senão em circunstâncias. Constitui mesmo maledicência, calca-se mesmo sob os pés o mandamento: “Não faleis mal de homem algum”, o relatarmos a outrem as faltas de terceiros, Quando estenão se encontre presente para responder por si mesmo.

2. E quão extremamente comum é este pecado, entre todas as espécies e condições de homens! Como

continuamente correm para essa transgressão o alto e o baixo, o rico e o pobre, o sábio e o insensato, o letrado e o ignorante! Pessoas que discordam de outras em tudo mais, nisto, todavia, concordam. Quão poucos são os que podem testificar diante de Deus: “Estou limpo neste particular; sempre pus atalaia diante, e minha boca e guardei a porta de meus lábios!” Qual a conversação que ouves, de alguma extensão considerável, em que a maledicência não figure como ingrediente? E isto mesmo entre pessoas que, em geral, têm o temor de Deus diante de seus olhos e realmente desejam ter uma consciência livre de ofensa perante Deus e perante o homem.

3. A própria vulgaridade desse pecado torna-o difícil de evitar. Como estamos rodeados por ele de todos os lados, se não formos profundamente sensíveis ao perigo, e se nos não guardarmos constantemente, estaremos sujeitos a ser levados na torrente. Neste sentido quase toda a humanidade está, por assim dizer, conspirando contra nós. Seu exemplo faz pressão sobre nós, sem sabermos como; de modo que insensivelmente incorremos na limitação de tais exemplos. Ao lado disto, ele é recomendado de fora, assim como de dentro. Rara disposição ruim se encontrará na mente humana que não possa ser ocasionalmente lisonjeada pela maledicência, o que, conseqüentemente, nos inclina para ela. Ela nos gratifica o orgulho, no relatar as faltas de outros, faltas de que supomos estar isentos. A ira, o ressentimento e todas as tendências perversas são acariciados pelo falar daqueles contra quem estamos Indispostos; e, em muitos casos, recitando os pecados do próximo, os homens embalam seus próprios desejos insensatos e perniciosos.

4. A maledicência é mais difícil de evitar porque ela freqüentemente nos ataca sob disfarce. Falamos assim por uma nobre, generosa, (será bom se não dissermos santa) indignação contra aquelas vis criaturas! Cometemos pecado por mero ódio ao pecado! Servimos ao diabo por zelo puro de Deus! É simplesmente para punir os maus que incorremos nessa maldade. “Assim fazem as paixões” (como diz alguém): “todas se justificam a si mesmas” e impingem-nos o pecado sob a máscara da santidade!

5. Mas não há meios de evitar o laço? Sem dúvida que há nosso bendito Senhor traçou caminho seguro a seus seguidores nas palavras acima citadas: ninguém há que, prudente e firmemente andando nesse caminho, recaia jamais em maledicência. Esta regra é um infalível preventivo ou uma cura certa. Nos versículos precedentes nosso Senhor havia dito: “Ai do mundo por causa dos escândalos” – indizível miséria se levantará no mundo desta fonte funesta (*escândalo* são todas as coisas pelas quais alguém é desviado dos caminhos de Deus ou impedido de os trilhar): “porque importa que venham escândalos” – tal é a natureza das coisas; tal a maldade, a loucura e a fraqueza da humanidade: “mas ai daquele” – miserável do homem “por quem vem o escândalo”! “Portanto, se tua mão teu pé, teus olhos, te servem de escândalo” – se o mais caro prazer, a pessoa mais amada e mais útil, desvia-te do caminho e te causa tropeço “arranca-o de ti – corta-o e lança-o para longe de ti”. Mas, como podemos evitar o servirmos de escândalo a alguém e sermos escandalizados por outros, especialmente supondo-se que eles estejam inteiramente em erro, e vemo-lo com nossos próprios olhos? Nosso Senhor aí nos ensina a maneira de evitá-lo: estabelece um método seguro de evitar-se ao mesmo tempo o escândalo e a maledicência. “Se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele somente: se te ouvir, ganhaste a teu irmão. Mas se te não ouvir, leva ainda contigo uma ou duas pessoas, para que por boca de duas ou três testemunhas toda a questão se decida. E se ele recusar ouvi-las, dize-o à igreja; e se também recusar ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano.” (Mt 18.15-17)

I

1. Primeiro. “Se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele somente”. O meio mais literal de seguirmos esta regra, onde isto seja praticável, é a melhor: portanto, se vires com teus próprios olhos um irmão, um cristão, cometer pecado inegável, ou o ouvires com teus próprios ouvidos, de modo que te seja impossível duvidar do fato, então teu papel é evidente: aproveita a primeira oportunidade para ires ao seu encontro; e, se tiveres ocasião, “fala-lhe dessa falta entre ti e ele só”. Na verdade, grande cuidado se deve tomar em que isto se faça num espírito reto e de maneira correta. O sucesso de uma advertência depende grandemente do espírito com que é feita. Não estejas, portanto, em falta quanto à fervorosa oração a Deus, para que a exortação seja feita num espírito de seriedade, com profunda, penetrante convicção de que só Deus é que te faz diferir do transgressor; e se qualquer bem for feito por aquilo que se disser agora, é Deus que o opera. Ora por que Deus guarde teu coração, ilumine tua mente e dirija tua língua nas obras que Ele se digne de abençoar. Vê que fales num espírito de mansidão, assim como de serenidade, porque “a ira do homem não cumpre a justiça de Deus”. Se ele for “surpreendido em falta”, não poderá ser restaurado senão “num espírito de mansidão”. Se ele se opuser à verdade, também não poderá ser levado ao conhecimento dela a não ser pela brandura. Fala, ainda, num espírito de terno amor, “que as muitas águas não podem extinguir”. Se O amor não for vencido, ele vencerá todas as coisas. Quem pode dizer a força do amor?

“O amor pode fazer dobrar a cerviz orgulhosa,
Pode converter a pedra em carne;
Enternece, e derrete, e perfura, e quebra
O coração feito de diamante.”

Confirma, pois, teu amor para com o tal, e por esse meio “amontoarás brasas vivas sobre sua cabeça”.

2. Mas vê que a maneira por que fales seja também segundo o Evangelho de Cristo. Evita tudo no olhar, no gesto, na palavra e no tom de voz que tenha o sabor de orgulho ou de suficiência própria. Ponderadamente evita todo ar didático ou dogmático, tudo que ressuma arrogância ou presunção. Guarda-te da mais distante aparência de desdém, arrogância ou desprezo. Com igual cuidado evita toda aparência de ira; e, embora uses de toda clareza de linguagem, não haja exprobação, nem acusação acrimoniosa, nem qualquer toque de exaltação, mas de amor.

Acima de tudo, que não haja sombras de ódio ou de malevolência, nada de amargura ou aspereza de expressão, mas usa dos ares e da linguagem da doçura, assim como também da delicadeza, para que todas as palavras possam demonstrar que jorram do amor no coração. Essa doçura não deve, todavia impedir que fales da maneira mais séria e solene; fala, tanto quanto possa ser, nas próprias palavras dos Oráculos de Deus (porque nenhuma há semelhante a elas), e como quem esteja debaixo das vistas daquele que vela para Julgar os vivos e os mortos.

3. Se não tiveres oportunidade de lhe falar em pessoa, ou não tiveres entrada para isso, podes fazê-lo por meio de um mensageiro – por um amigo comum, em cuja prudência, assim como integridade, possas inteiramente confiar. Tal pessoa, falando em teu nome, no espírito e da maneira acima descrita, pode preencher o mesmo fim e, em boa medida, suprir tua falta nesse serviço. Somente guarda-te de fingir falta de oportunidade, de modo a evitares o aborrecimento; nem tenhas como certo que não alcançarás acesso à pessoa em questão, sem que tenhas primeiro feito a experiência. Sempre que puderes falar por ti mesmo, será muito melhor. Mas tu o farás antes por outrem do que de modo nenhum; o uso desse meio é melhor do que o de nenhum.

4. Que fazer, entretanto, se não puderes falar diretamente, nem encontrar um mensageiro em quem possas confiar? Se este for realmente o caso, então só resta escrever. E haverá algumas circunstâncias que tornem este o meio mais aconselhável. Uma dessas circunstâncias ocorre quando a pessoa com quem temos de tratar é de temperamento tão excitável e impetuoso que não suporte facilmente admoestações, especialmente de um igual ou inferior. Mas estas podem ser apresentadas e abrandadas no escrito, de modo a se tornarem muito mais toleráveis. Além disso, muitos lerão as mesmíssimas palavras que não suportariam ouvir. Elas não causam violento abalo a seu orgulho, nem lhe ferem tão sensivelmente a honra. E, suposto que a carta a princípio lhes cause pequena impressão, talvez que lhe dispensem uma segunda leitura e, após ,mais aturado exame, acolham aquilo que dantes desprezaram.

5. Deve-se observar bem que esse é não somente um passo que nosso Senhor absolutamente ordena que demos, mas ordena-nos que ele seja dado em primeiro lugar, antes de tentarmos qualquer outro. Nenhuma alternativa se permite, nenhuma escolha de qualquer outra coisa; este é o caminho: anda por ele. É verdade que o Senhor nos aconselha a dar, se a necessidade o exigir, mais dois outros passos; mas estes devem ser dados sucessivamente, após a primeira tentativa, e nenhum deles antes; muito menos devemos dar qualquer outro passo, seja antes desse, seja ao lado dele. Fazer qualquer coisa mais, ou não fazer isto, é, portanto, igualmente inescusável.

6. Não penses em escusar-te pelo fato de dares um passo inteiramente diverso, dizendo: “Eu não posso falar a alguém sem que me torne tão excitado, que não me posso depois controlar.” Tu ficas excitado! Não é para admirar que assim fiques, a não ser que tua consciência esteja caracterizada; porque estavas debaixo da culpa de pecado, desobedecendo a um claro mandamento de Deus! Devias imediatamente ter ido e falado a “teu irmão de sua culpa, entre ti e ele só”, Se o não fizeste, como poderias estar menos do que carregado de – culpa (a não ser que teu coração esteja totalmente endurecido), enquanto estavas calcando aos pés o mandamento divino e “aborrecendo a teu irmão em teu coração”? E que meio encontraste para te descarregar a consciência? Deus te reprova por causa de um pecado de omissão, por não falares a teu irmão acerca de sua falta e consolares-te a ti mesmo, estando debaixo dessa culpa, à custa de um pecado de comissão, falando da falta de teu irmão a terceira pessoa! A comodidade comprada em troca do pecado é um mau negócio! Confio em Deus que não terás descanso, mas estarás sobrecarregado cada vez mais, até que “vás a teu irmão e lhe fales”, e a ninguém mais.

7. Não conheço senão uma exceção a esta regra: pode haver um caso especial em que seja necessário denunciar O culpado, embora ausente, para salvar o inocente. Por exemplo: estás a par da intenção que um homem tenha contra a propriedade ou a vida de seu próximo. Ora, o caso pode revestir-se de tais circunstâncias, que não haja outro meio de frustrar aquele desígnio senão tornando-o conhecido, sem demora, daquele contra quem ele se formou. Neste caso, pois, a regra geral se põe de lado assim como a do apóstolo: “Não faleis mal de homem algum”. Neste caso é legal, sim, é nosso dever indeclinável, dizer mal de um ausente, para evitar que este faça mal aos outros e ao mesmo tempo a si mesmo. Lembra-te, porém, enquanto assim procederes, que toda maledicência é veneno mortal. Portanto, se fores alguma vez constrangido a usá-la como remédio, usa-a ainda com temor e tremor, visto tratar-se de remédio tão perigoso, que coisa alguma, salvo a, necessidade absoluta, pode desculpar seu emprego. Conseqüentemente, usa-o tão raramente quanto possível; nunca, senão quando houver tal necessidade; e ainda assim usa-O tão pouco quanto possível: somente tanto quanto baste ao fim proposto. Em todas as demais ocasiões, “vai e fala-lhe de sua falta entre ti e ele somente”.

II

1. Que fazer, entretanto, “se ele não ouvir”? Se retribuir O bem com o mal? Se se irritar, em vez de se convencer?

Que fazer, se ouvir sem interesse e continuar no caminho de seu pecado? Devemos esperar que isto freqüentemente aconteça; a exortação mais suave e mais terna não terá efeito; mas a bênção que desejáramos para outrem voltará a nosso próprio coração. Que faremos, pois? Nosso Senhor nos deu uma clara e completa direção. Então, “toma contigo um ou dois mais”: este é o segundo passo. Toma um ou dois que saibas serem de espírito amável, amigos de Deus e de seu próximo. Vê, igualmente, que sejam de espírito sincero e “revestidos de humildade”. Sejam também mansos e delicados, pacientes e longânimos, incapazes de “retribuir o mal com o mal, a injúria com a injúria, mas, ao contrário, bendizendo” sempre. Sejam homens de entendimento, dotados da sabedoria do alto; e homens sem prevenções, livres de imparcialidade, livres de preconceitos de qualquer espécie. Deve-lhe igualmente tomar cuidado em que tanto as pessoas como seu caráter sejam bem conhecidos dele e que os que lhe sejam aceitáveis sejam escolhidos de preferência a quaisquer outros.

2. O amor ditará a maneira pela qual devam proceder, de acordo com a natureza do caso. Nem pode qualquer maneira especial ser prescrita para todos os casos. Mas, em geral, uma talvez se possa aconselhar: antes que entrem no assunto, declarem doce e afetuosamente que não têm aversão ou preconceito para com o transgressor; e que é meramente por um princípio de boa vontade que agora vêm, ou que seus negócios lhes interessam profundamente. Para tornar isto mais evidente, devem então calmamente esperar a repetição de tua primeira conversa com ele e o que diga em sua própria defesa, antes que tentem determinar qualquer coisa. Depois disso eles seriam mais capazes de ajuizar o modo a proceder; “para que por boca de duas ou três testemunhas toda palavra se confirme”, para que o que tenhas dito possa ter plena força pelo peso adicional de sua autoridade.

3. Para isto, não devem eles (1) – repetir resumidamente o que dizes e a resposta dada? (2) – Alongar mais e mais, e confirmar ás razões que apresentares? (3) – Dar força à tua exortação, mostrando quão justa, bondosa e oportuna foi ela? Finalmente, reforçar os conselhos e persuasões que a ela tenhas anexado? E eles podem, igualmente, no futuro, se a necessidade o exigir, dar testemunho do que foi dito.

4. Em relação a este ponto, assim como às regras precedentes, podemos observar que nosso Senhor nos não deixou o direito de escolha, não nos deixou alternativas, mas expressamente manda que o façamos, e nada mais em troca disso. Do mesmo modo Ele nos dirige quanto ao modo de procedermos, após feito isso; nem antes, nem depois, isto, é, *após* termos dado o primeiro passo e antes de darmos o último. É somente então que estamos autorizados a relatar o mal que outrem haja praticado àqueles que desejarmos associar conosco nessa grande prova de amor fraternal. Mas tenhamos cuidado no modo de o relatar a outra pessoa, até que tenham sido dados aqueles passos e negligenciarmos esses passos, ou se dermos outros, que maravilha haverá se continuarmos sobrecarregados? Porque somos pecadores contra Deus e contra nosso próximo; e, seja qual for o colorido aparatoso de que o revestirmos, ainda, se tivermos alguma consciência, nosso pecado nos alcançará e nos trará um fardo sobre a alma.

III

1. Para que possamos ser inteiramente instruídos neste grave negócio, nosso Senhor nos deu ainda outra direção. “Se não os ouvir”, então, e não antes disto, “dize-o à Igreja”. Este é o terceiro passo. Toda a questão é saber-se como esta palavra “a igreja” – deva ser aí entendida, Mas a própria natureza do caso o determinará, fora de qualquer dúvida. Não podes dizê-la à igreja nacional, a toda a comunidade chamada “a Igreja da Inglaterra”. Nem isto responderia a qualquer finalidade cristã se o pudesses fazer. Esta, não é, portanto, a significação “da palavra. Nem podes dizê-lo a toda a comunidade do povo da Inglaterra com quem estás mais imediatamente relacionado. Nem, na verdade, teria isto qualquer finalidade boa. A palavra, portanto, não se entende assim. Não responderia a nenhum fim apreciável contar as faltas de todo membro individual à igreja (se assim quiseses chamá-la), à congregação ou sociedade, reunida em Londres. Resta dizê-lo ao presbítero ou presbíteros da igreja, àqueles que são os pastores do rebanho de Cristo, a quem ambos pertenceis, que velam sobre a tua alma e sobre a dele “como os que devem dar contas”. E isto poderia ser feito, se pudesse sê-lo convenientemente, na presença da pessoa determinada e, é claro, ainda com toda ternura e amor que a natureza do caso admitisse. Pertence propriamente a seu ofício determinar as coisas relativas à conduta dos que se encontram sob seu cuidado e repreender, segundo o vulto da ofensa, “com toda autoridade”. Quando, portanto, tiveres feito isso, terás cumprido tudo quanto a Palavra de Deus, ou a lei do amor, requer de ti; agora já não és participante de seu pecado; mas, se ele perecer, seu sangue será sobre sua cabeça.

2. Seja também observado aqui que este, e não outro, é o terceiro passo a ser dado, e que devemos dá-lo na sua ordem, em relação aos outros dois; não antes do segundo, e muito menos do primeiro, a não ser em alguma circunstância de todo excepcional. Na verdade, em um caso, o segunda passo pode coincidir com este: podem ser, de algum modo, um e o mesmo. O presbítero ou os presbíteros da igreja podem estar tão relacionados com o irmão ofendido, que ponham de lado a necessidade e supram o lugar de “uma ou duas testemunhas”; de modo que pode bastar dizê-lo a eles, após teres falado a teu irmão “entre ti e ele só”.

3. Quando tiveres feito isto, terás libertado tua própria alma. “Se ele não ouvir a igreja”, se persistir em seu pecado, “seja ele para ti como um gentio ou publicano”. Não tens obrigação de pensar dele nada mais, a não ser quando o encomendares a Deus em oração. Não mais precisas falar dele, mas entrega-o a seu próprio Senhor. Deves-lhe

ainda, em verdade, assim como a todos os demais pagãos, ardente, terna boa vontade. Deves-lhe cortesia e, segundo as ocasiões se apresentarem, todos os serviços de humanidade. Mas não tenhas amizade, nenhuma intimidade com ele; nenhuma outra relação do que a que deves ter com um gentio conhecido como tal.

4. Mas, se esta é a regra segundo a qual os cristãos andam, qual é a terra onde vivem os cristãos? Uns poucos tu podes possivelmente, encontrar, espalhados aqui e além, que tomam como dever de consciência o observá-la. Mas, quão poucos são! Quão esparsamente andam atirados sobre a face da terra! É onde se encontra qualquer comunidade cujos membros universalmente andem segundo aquela regra? Podemos encontrá-la na Europa, ou, para não irmos além, na Grã-bretanha ou na Irlanda? Temo que não: temo que, após procurá-la ao longo destes reinos, tenhamos procurado em vão. Ai do mundo cristão! Ai do Protestantismo, dos cristãos reformados! Oh! “quem se levantará comigo contra o maligno?” “Quem tomará o partido de Deus” contra os maledicentes? És tu o homem? Queres ser, pela graça de Deus, um dos que não se deixem arrastar pela torrente? Estás firmemente resolvido, sendo Deus teu Amparador, a partir desta mesma hora, a colocar vigia, permanente “vigia diante de tua boca, e guardar a porta de teus lábios?” Desde esta hora queres andar por esta regra: “Não faleis mal de homem algum?” Se vires teu irmão praticar o mal, queres “falar-lhe de sua falta entre ti e ele somente?” Depois, tomar “uma ou duas” testemunhas, e somente depois disto “dizê-lo à igreja”? Se este é o firme propósito de teu coração, então aprende bem uma lição: “Não ouças dizer mal de ninguém”. Se não houvesse ouvintes, não haveria faladores. E não é receptor (segundo o provérbio corrente), tão bom como o ladrão? Se, pois, alguém começar a dizer mal a teus ouvidos repele-o imediatamente. Recusa-te a ouvir a voz do encantador embora ele jamais tenha encantado tão suavemente; use ele de maneiras delicadas, de doce melodia, com os melhores protestos de boa vontade para com aquele a quem está assassinando no escuro, para com aquele a quem está ferindo sob a quinta costela! Recusa-te resolutamente a ouvir, embora o maldizente se queixe de estar “sobrecarregado, enquanto não fale!” *Sobrecarregado! Louco!* Estás embaraçado com teu maldito segredo, com a mulher que se encontre à hora de ser mãe? Vai, então, e liberta-te de teu fardo pelo meio que o Senhor, ordenou! Primeiro, “vai e fala a teu irmão de sua falta, entre ti e ele só”; em seguida, “toma contigo um ou dois” amigos comuns e fala-lhe em sua presença: se nenhum desses passos surtir efeito, então “dize-o à igreja”. Mas; para que tua alma não corra perigo, não o digas a ninguém mais, nem antes, nem depois, a não ser naquele caso de rara exceção, em que seja absolutamente necessário falar para salvar o inocente. Porque haverias de sobrecarregar a outrem assim como a ti mesmo, fazendo-o participante de teu pecado?

5. Oh! que todos vós que suportais o opróbrio de Cristo, que sois por escárneo chamados *metodistas*, sede um paradigma ao mundo cristão, ao menos neste exemplo só! Expulsai a maledicência, o falatório, a murmuração: que, nenhuma dessas coisas proceda de vossa boca! Vede que “não faleis mal de homem algum”; do ausente nada, a não ser o bem. Uma vez que tendes de ser distinguidos, quer queirais, quer não, seja esta a marca distintiva do metodista: “Ele não censura a ninguém pelas costas: para este sinal podeis reconhecê-la.” Que abençoado efeito desta negação de nós mesmos poderemos prontamente sentir em nossos corações! Como “nossa paz correrá como um rio”, quando assim “seguirmos a paz com todos os homens!” Como será o amor de Deus abundante em nossas próprias almas, se desse modo confirmarmos nosso amor a nossos irmãos! E que efeito teria isto sobre todos os que estivessem unidos em nome do Senhor Jesus! Como se aumentaria continuamente o amor fraternal, quando aquele grande entrave oposto à ele fosse removido! Todos os membros do corpo místico de Cristo cuidaram então uns dos outros. “Se um membro sofrer todos sofrerão com ele”; “se um é honrado, todos se regozijarão com ele”; e cada um amará a seu irmão “com um puro coração fervente”. Isto não é tudo: que efeito poderia ter tal conduta, mesmo sobre o mundo louco, irrefletido! Logo descobririam em nós o que não puderam encontrar entre todos os milhares de seus irmãos e clamariam (como Juliano, o Apóstata, perante seus cortesãos gentios): “Vede como estes cristãos se amam uns aos outros!” Por isto principalmente Deus convenceria o mundo e também prepararia os homens para seu reino, como podemos facilmente aprender das notáveis palavras da última oração solene de nosso Senhor: “Eu rogo por aqueles que hão de crer em mim, para que eles sejam um, como tu, Pai, és em mim, e eu em ti – para que o mundo creia que tu me enviaste.” O Senhor apresse o tempo! O Senhor nos habilite a amarmo-nos assim uns aos outros, não apenas “de palavra e de língua, mas em obras e em verdade”, assim como Cristo nos amou.

QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 49

- P. 1. (§ 1). Que mandamento claro do grande apóstolo se menciona aí?
- P. 2. (§ 2). Trata-se de um pecado comum?
- P. 3. (§ 3). Por que é difícil evitá-lo?
- P. 4. (§ 4). Que torna ainda mais difícil evitá-lo?
- P. 5. (§ 5). Que se diz do meio de evitar esse laço?
- P. 6. (I. 1). Que devemos fazer antes de tudo? Isto nós praticamos comumente? Este é o vosso costume?
- P. 7. (I. 2). Que se diz da maneira de falar?
- P. 8. (I. 3). Se não pudermos falar pessoalmente, que deveremos fazer então? Não deve isto ser feito com grande cuidado?
- P. 9. (I. 4). Que se diz da vantagem de escrever?

- P. 10. (I. 5). Que se diz do mandamento do nosso Senhor?
P. 11. (I. 6). Que escusa à maledicência se menciona aí?
P. 12. (I. 7). Que exceção à regra geral se menciona?
P. 13. (II. 1). Que devemos fazer, no caso de ele não ouvir?
P. 14. (II. 2). Que dita o amor em casos tais?
P. 15. (II. 3). Que maneira de proceder aí se apresenta?
P. 16. (II. 4). Que podemos observar em relação a essa regra?
P. 17. (III. 5). Que exortação faz o pregador ao povo chamado metodista?
P. 18. (III. 4,5). Pensava Wesley que houvesse muitos em seus dias que praticavam essa regra?
P. 19. (III. 4,5). Não existe um preconceito prevalecente, de modo mui geral, em face desse texto?

R. Por muitas pessoas e por algumas igrejas cristãs esse texto é encarado como base de um sistema de *disciplina eclesiástica*. Em consequência desse engano, é muito natural que alguém suponha que o primeiro passo a dar, em caso de desen-tendimento de qualquer espécie entre irmãos, em se tratando de medida de, caráter formal, é levá-lo a ser resolvido perante as autoridades da igreja. Segue-se que muitos, que seriam acessíveis a medidas conciliatórias, confirmam-se, sendo tentados para tal, numa resistência obstinada. Esta interpretação tão longe está de ser correta, que nosso Senhor evidentemente quis fazer daqueles passos uma regra invariável de governo de nossas vidas, independente de qualquer disciplina de igreja, ainda que, em última instância, a igreja possa intervir. Uma fórmula popular, mas expressiva, de nos pormos em segurança, nos é preservada nestas linhas:

“Ao terdes de falar de outrem,
Guardai-vos acerca destas cinco coisas:
A quem falais, de quem falais,
E quando, como e onde”.